

O adoecimento mental de professores da educação superior e o reflexo no trabalho docente



10.56238/sevedi76016-020

Nadja Maria dos Santos

E-mail: nadja.santos@upe.br

Flávia Emília Cavalcante Valença Fernandes

E-mail: flavia.fernandes@upe.br

Rosana Alves de Melo

E-mail: rosana.melo@univasf.edu.br

RESUMO

Discutir o adoecimento mental em professores da educação superior é importante, pois cada vez mais está aumentando as incapacidades causadas pela doença. Diante dessa perspectiva, o presente estudo tem como objetivo compreender o adoecimento mental de professores da educação superior e os reflexos causados no trabalho docente. Trata-se de um estudo bibliográfico, do tipo revisão da literatura, o levantamento das publicações foi realizado nas bases de dados do *Google Acadêmico*, da *Scientific Eletronic Library Online* (Scielo) e na Scopus e Publisher Medline (PubMed), no período de março a maio de 2022. A partir da revisão, destaca-se alguns aspectos relevantes em relação a temática e após a leitura dos artigos foi elencado alguns tópicos são eles: risco de adoecimento no magistério superior; doenças mentais relacionadas ao trabalho docente e, a pós-graduação: um cenário de sofrimento para professores universitários? O aumento do trabalho intelectual reflete negativamente na saúde desses professores; a sobrecarga de trabalho, a cobrança por publicações científicas, a competitividade entre os professores na pós-graduação, as demandas da graduação têm ocasionado muito adoecimento. As doenças mais recorrentes entre os professores estão a depressão e os transtornos de ansiedade. Diante dessa perspectiva, é

essencial que as instituições de ensino superior possam elaborar políticas de enfrentamento para essas novas demandas, visto que esse adoecimento afeta diretamente o trabalho docente.

Palavras-chave: educação superior, professor universitário, saúde mental.

ABSTRACT

Discussing mental illness in higher education teachers is important, because the disabilities caused by the disease are increasing. From this perspective, the present study aims to understand the mental illness of higher education teachers and the consequences caused in the teaching work. This is a bibliographic study, of the literature review type, and the survey of publications was carried out in the *Google Academic*, *Scientific Eletronic Library Online* (Scielo), Scopus, and Publisher Medline (PubMed) databases from March to May 2022. From the review, some relevant aspects related to the theme were highlighted, and after reading the articles, some topics were listed, such as: risk of illness in higher education; mental illness related to teaching work, and graduate studies: a scenario of suffering for university professors? The increase in intellectual work reflects negatively on the health of these professors; work overload, the demand for scientific publications, the competition among professors at the post-graduation level, the demands of the undergraduate studies have caused a lot of illness. The most recurrent diseases among professors are depression and anxiety disorders. From this perspective, it is essential that higher education institutions develop policies to cope with these new demands, since this illness directly affects the faculty's work.

Keywords: higher education, university professor, mental health.

1 INTRODUÇÃO

O debate sobre as questões envolvendo problemas em saúde mental vem crescendo, pois sabe-se da importância dessa temática quando se fala das incapacidades causadas pela doença. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), estima-se que 322 milhões de pessoas sofram com a depressão e que cerca de 800 mil morram por essa causa a cada ano no mundo. No Brasil, cerca de 9,3% da população é afetada por este transtorno, a doença provoca alterações importantes no humor, nas relações familiares e sociais, caracterizada por uma profunda tristeza e pensamentos pessimistas (OPAS, 2017).

Oliveira (2011) relata que a ansiedade é algo natural, porém quando em níveis elevados, apresenta-se como um conjunto de sinais e sintomas que se configura como crise, conseqüentemente um transtorno, que afeta as atividades e rotina dessa pessoa por interferir na sua capacidade cognitiva.

Ao longo das últimas décadas, o docente universitário vem sofrendo os impactos das transformações operadas na sociedade e na universidade em sua dinâmica de trabalho (MOURA *et al.*, 2019). O adoecimento mental de professores é configurado como um problema de saúde pública, considerando as expressivas taxas de sofrimento psíquico envolvendo a categoria. Tal quadro gera impactos sociais e econômicos, considerando que os transtornos mentais e comportamentais estão entre as principais causas de afastamento do trabalho, representando a terceira principal causa de concessão do auxílio doença por incapacidade laborativa no Brasil (SILVA- JUNIOR; FISCHER, 2015)

Pesquisas indicam que, em consequência da mercantilização da educação, fundamentada no produtivismo e lucratividade, algumas características voltadas para o capital passaram a compor o cenário laboral dos professores universitários, como a alienação e intensificação do trabalho (MOURA *et al.*, 2019). Essa exigência intensificada em produzir, atrelada a sistemas de avaliação da produtividade intelectual, subordina o docente ao trabalho exaustivo sem as devidas condições.

O trabalho docente no ensino superior tem exigido dos profissionais várias práticas: pesquisas, criticidade diante das inúmeras informações e domínio de uso de tecnologias da informação e comunicação (GATTI *et al.*, 2019). Essas novas demandas têm exigido uma maior dedicação, uma vez que estão formando uma massa crítica pensante, e isso tem aumentado o nível de apreensão e sobrecarga, causando estresse e angústias.

Diante dessa perspectiva, e proporcionando um estudo cuidadoso e direcionado em relação ao adoecimento mental de professores universitários, o presente estudo teve como objetivo compreender o adoecimento mental de professores da educação superior e os reflexos causados no trabalho docente.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo bibliográfico, de abordagem qualitativa-descritiva do tipo revisão da literatura. A metodologia utilizada é a de revisão narrativa. Nessa perspectiva, foi definido inicialmente o problema de pesquisa e a forma de investigação do tema. A análise dos estudos, selecionados em relação ao delineamento da pesquisa, foi realizada de forma descritiva, possibilitando analisar e descrever as informações, com o intuito de reunir e produzir conhecimento explorado na revisão.

O estudo bibliográfico é desenvolvido com base em material já elaborado denominado de fontes secundárias; constituído principalmente de livros e artigos científicos publicados em relação ao tema de estudo (LAKATOS; MARCONE, 2015). A revisão de literatura é um método que tem como finalidade esclarecer pressuposições teóricas que fundamentam a pesquisa e sintetizar contribuições proporcionadas por estudos já realizados com uma discussão crítica (GIL, 2008). Desse modo, o propósito de uma revisão

de literatura de pesquisa é reunir conhecimentos sobre um assunto, ajudando nas fundações de um estudo significativo sobre o tema abordado.

As pesquisas para levantamento das publicações foram realizadas nas bases de dados do *Google Acadêmico*, da *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO) e na Scopus e Publisher Medline (PubMed), no período de março a maio de 2022. Os critérios de inclusão utilizados foram: artigos publicados nos últimos 15 anos, nos idiomas português e inglês. Foram utilizados, para busca dos artigos, as seguintes palavras-chave e suas combinações na língua portuguesa e inglesa: “Educação superior”, “Professor universitário”, “Saúde mental”, “Adoecimento docente”. Foram incluídos artigos publicados em português, inglês e espanhol; artigos na íntegra que retratam a temática referente à revisão de literatura.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mediante a revisão de literatura, proposta neste estudo, destacaram-se alguns aspectos relevantes em relação à temática em questão: O Risco de adoecimento mental no magistério superior e o reflexo no trabalho docente. Sendo assim, foram elencados alguns tópicos referentes a esse assunto:

Risco de adoecimento no magistério superior

Diante da crescente valorização do trabalho intelectual nas universidades, a atividade docente tem sido amplamente afetada; entre elas podemos citar, as mudanças provenientes da reconfiguração do mundo do trabalho, da revolução informacional e as inovações tecnológicas, bem como o aumento da descontinuidade de políticas públicas e avaliação de desempenho da Educação Superior no Brasil (HOFFMANN *et al.*, 2017).

Essas demandas oriundas da “cultura do produtivismo”, fez surgir um novo paradigma de produção e conhecimento; percebe-se uma intensificação das atividades docentes, caracterizadas pela aceleração das atividades, alienação, competitividade e individualismo (BOSI, 2007).

Essas mudanças tem feito com que os professores passem muitas horas em aula, lidando com turmas grandes, com alunos difíceis ou muito carentes, com as crescentes demandas das funções administrativas, com a crescente diversificação de conhecimentos e as pressões de tempos e prazos. Esses fatores podem aumentar em virtude da falta de disciplina e motivação dos alunos, para os professores a falta de desinteresse pode ser desgastante e estressante (FERREIRA-VORKAPIC, 2018).

Nesse cenário, encontra-se a concepção mercantilista que a medição do desempenho docente alcançou, evidenciando ainda mais a precarização da atividade. Sob esse panorama, Bosi (2007), destaca:

"Nesse 'vale quanto pesa', o próprio docente é 'valorizado' pela inserção na pós-graduação, pelo número de orientações, artigos e livros publicados e, principalmente, pela 'bolsa produtividade em pesquisa' que consegue por méritos próprios" (BOSI, 2007, p.1516).

Destarte, as excessivas exigências aliadas à escassez de recursos financeiros, a burocratização do trabalho docente, a cultura de avaliação, a falta de tempo para si tem levado ao adoecimento (HOFFMANN *et al.*, 2017). O adoecimento, o mal-estar tem relação direta com a precarização do trabalho (PENTEADO; SOUZA NETO, 2019; LALLA JÚNIOR, 2019). Entre os diagnósticos clínicos registrados entre professores, como exemplo temos o aparecimento de tendinites, cervicalgias e cervicobraquialgias e disfonias (LEMOS, 2005).

A jornada de trabalho do professor vai além da sala de aula propriamente dita, as responsabilidades são diversas, seja na preparação de aula, correção de atividades, trabalhos dos estudantes, entre outras (JACOMINI; CRUZ; CASTRO, 2020). O excesso de atividades acadêmicas, o ambiente competitivo entre colegas na universidade e a falta de condições mínimas de trabalho são as principais queixas dos professores universitários; essa competitividade tem gerado muita tensão entre os docentes, tensão essa do ponto de vista psíquico e emocional (QUEIRÓZ; EMILIANO, 2020).

Os professores em virtude da produtividade, da venda intensificada de si mesmo e das condições precárias de trabalho estão adoecendo (QUEIROZ; EMILIANO, 2020). A literatura traz que estes estão usando estimulantes psíquicos para se manterem vigilantes, as drogas mais utilizadas são os antidepressivos; estão também recorrendo ao uso de drogas tranquilizantes para diminuir os efeitos do estresse (LE BRETON, 2013). Esses psicotrópicos contribuem para a manutenção do sistema de produção do professor, ou seja, auxiliam na manutenção do ritmo de trabalho, metas e desempenho. Nos tempos atuais a organização de trabalho está marcada por extensas atividades e, essas estão ocupando os dias, as noites e as madrugadas dos docentes (QUEIROZ; EMILIANO, 2020).

O professor universitário, tradicionalmente, é avaliado por meio da verificação da quantidade de publicações de trabalhos e de atividades de ensino realizadas por ele. A partir da década de 1990, a formação profissional universitária foi atrelada ao modelo de competência (LINDINO, 2016). O modelo de competência não está atrelado à noção de formar profissionais críticos capazes de construir projetos de emancipação; pelo contrário, deflagra por parte do mercado o estímulo aos professores a desempenharem o que o sistema produtivo impõe, conforme as Diretrizes para formação de professores no Brasil (BRASIL, 2004).

Fica evidente que diante do aumento das responsabilidades, da cobrança e pressão para produzir tem ocasionado o adoecimento dos professores (LOPES-PEREIRA *et al.*, 2020).

Doenças mentais relacionadas ao trabalho docente

Na Conferência Internacional do Trabalho da OIT, realizada em 18 de junho de 1988, foi adotada a Declaração sobre os Princípios Fundamentais no trabalho, nesta foi apresentada quatro direitos fundamentais, a saber: I) livre associação e reconhecimento do direito à negociação coletiva; II) eliminação de todas as formas de trabalho forçado; III) efetiva abolição do trabalho infantil; e, IV) eliminação da discriminação da discriminação com relação ao emprego e à ocupação (OIT, 1998). Esses princípios são

fundamentais, pois as condições e as estruturas de trabalho influenciam diretamente na integridade física e psíquica das pessoas (CACCIAMALI, 2020).

De acordo com os dados da OMS e a OIT, desde o início dos anos 2000 já era previsto o crescimento da incidência das doenças mentais, como também alertaram sobre as consequências desse aumento na população trabalhadora como: o afastamento laboral, a diminuição da produtividade e da capacidade operacional e de trabalho (WHO, 2000).

Nos últimos 30 anos ocorreram grandes transformações nas condições e nos ambientes de trabalho. Essas acarretaram um aumento da insegurança no emprego como também outros riscos para a organização do trabalho. Entre os riscos, podemos observar a criação e manutenção de disparidades na saúde dos trabalhadores, isso a depender de posição socioeconômica, de raça, gênero e etnia. Portanto, em virtude dos novos sistemas de produção, observa-se condições de trabalho adversas, como a redução da oferta de vagas, terceirização, privatização do setor público e as novas ofertas de emprego provenientes da inovação tecnológica (LANDSBERGIS; GRZYWACZ; LAMONTAGNE, 2014).

Em decorrência dessas transformações, observa-se uma mudança no perfil de morbidade dos agravos relacionados ao trabalho, decorrendo em doenças ocupacionais, com evidência para o adoecimento mental. Os transtornos mentais e comportamentais (TMC) decorrentes de situações do processo de trabalho são uma preocupação crescente para a saúde do trabalhador (CORDEIRO *et al.*, 2012).

De acordo com a OIT, na Europa, o estresse ocupa a segunda posição entre os problemas de saúde relacionados ao trabalho, afetando cerca de 40 milhões de pessoas. No Brasil, as doenças mentais e comportamentais, no período de 2012 a 2016, foram a terceira causa de incapacidade no trabalho no que diz respeito à concessão de auxílio-doença e aposentadoria por invalidez (BRASIL, 2017). Supostamente isso se deve a exposição repetida a estressores psicossociais desfavoráveis no trabalho comprometendo a saúde mental dos trabalhadores (SILVA-JUNIOR; FISHER, 2014).

Em um estudo realizado com 1.500 professores universitários na China, cerca de 58,9% dos professores apresentavam sintomas depressivos (LI *et al.*, 2017); na Alemanha, as doenças psicossomáticas são comuns em professores, como também as queixas de exaustão, fadiga, cefaleia e tensão (SCHEUCH, 2015). No Brasil, pesquisa realizada com professores no estado do Paraná, observou-se que os professores têm níveis elevados de sofrimento mental, entre os transtornos apresentados estavam: depressão, ansiedade e distúrbios psiquiátricos menores (TOSTES *et al.*, 2019).

Em todo o mundo os afastamentos do trabalho por adoecimento psíquico são cada vez mais frequentes. Segundo a OMS, a depressão será a doença mais comum nas próximas décadas, o que traz uma grande preocupação para as instituições públicas e privadas e trabalhadores (COLLUCCI, 2014).

O trabalho nem sempre é uma fonte de adoecimento ou infelicidade, espera-se que seja uma fonte de saúde e satisfação; só que para que isso aconteça existe uma relação direta com as condições que ele é realizado. Entre os pontos importantes para que o trabalhador tenha um bom desempenho e saúde é necessário que este esteja satisfeito com as suas funções (MOREIRA; RODRIGUES, 2018). Os professores

em sua maioria estão treinados a monitorar os alunos no que diz respeito aos traumas, ansiedade, bullying, entre outros; porém ainda estão aprendendo a cuidar da sua própria saúde mental (BOUDREAU, 2019).

A OIT publicou no ano de 2016 estudo sobre o estresse relacionado ao trabalho que diz o seguinte:

“Hoje, trabalhadores de todo o mundo enfrentam mudanças significativas na organização e nas relações de trabalho; eles estão sob grande pressão para atender às demandas da vida laboral moderna. Com a velocidade do trabalho ditada por comunicações instantâneas e altos níveis de competição global, as linhas que separam trabalho e vida pessoal estão se tornando cada vez mais difíceis de identificar” (OIT, 2016, p.3).

O trabalhador docente é importante e fundamental para a sociedade, porém este está exercendo a sua profissão e suas atividades em condições desfavoráveis. Sabe-se que o exercício da profissão docente causa desgaste intelectual e emocional nos seus trabalhadores, expondo-os a riscos de saúde (BOGAERT *et al.*, 2014), como também um elevado índice de absenteísmo (BOGAERT *et al.*, 2014; CARVALHO, 2016).

Desse modo, avaliar o adoecimento mental de professores da educação superior é essencial, pois assim é possível identificar se o adoecimento mental está refletindo na sua prática docente.

A pós-graduação: um cenário de sofrimento para professores universitários?

O professor em uma instituição de ensino pode ser classificado por vários status e, estes variam segundo as sociedades e os contextos e são distinguidos em função do nível de escolaridade. Esses fatores que constituem o status do grupo profissional são complexos e distintos. Segundo Hoyle (1987) existem seis fatores que determinam o reconhecimento da profissão docente:

1) a origem social do grupo, que provém das classes média e baixa; 2) o tamanho do grupo profissional que, por ser numeroso, dificulta a melhoria substancial do salário; 3) a proporção de mulheres, manifestação de uma seleção indireta, na medida em que as mulheres são um grupo socialmente discriminado; 4) a qualificação acadêmica de acesso, que é de nível médio para os professores dos ensinos infantil e primário; 5) o status dos clientes; 6) a relação com os clientes, que não é voluntária, mas sim baseada na obrigatoriedade do consumo do ensino. (HOYLE, 1987, p. 66-67)

Atrelado aos achados de Hoyle (1997), consideramos que os fatores de qualificação acadêmica, o status da clientela e a relação com os clientes que está baseada na obrigatoriedade do consumo do ensino, traz uma relação direta do trabalho do professor na academia.

O comportamento e as atitudes dos professores nos programas de pós-graduação (PPG), estão relacionadas às exigências recorrentes de um sistema de avaliação amparado na produção (SILVA; MARSICO, 2022). As exigências de produtividade bibliográfica são oriundas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e dos PPG; a CAPES e os PPG acatam esse item para avaliar o desempenho individual dos docentes. Essa avaliação realizada pelos PPG gera promoções ou descredenciamento dos professores vinculados ao programa; essa ação pode vir a desencadear um aumento

do ritmo e carga de trabalho bem como o estresse ocupacional (TEIXEIRA; MARQUEZE; MORENO, 2020).

Sobre o sofrimento do professor, a literatura científica traz que na pós-graduação, em virtude das atividades propostas e da elevada competitividade nas relações de trabalho, o sofrimento deletério às vezes é desvirtuado por uma suposta alegria efetiva. Percebe-se que muitos professores sentem prazer mesmo diante de certo grau de sofrimento, esse prazer está amparado nas diversas atividades desenvolvidas nos PPG, entre elas a: a relação de afinidade que são desenvolvidas pelos pares, discentes e servidores das instituições; as atividades de pesquisas que são desenvolvidas; o reconhecimento que, por muitas vezes, se opõe à sua malversação; a relevância social que tem o trabalho do professor, entre outros (SILVA; RUZA, 2018).

A prática docente é concretizada com as publicações científicas, só que para que seja logrado esse êxito é necessário muitas horas de trabalho, horas essas que não contabilizadas e não recebem o destaque merecido, entre elas podemos citar: as leituras de e-mail, as idas e vindas de orientações, a participação em bancas de defesa, entre outras. Essa parte despercebida do trabalho do professor universitário em sua maioria são realizadas fora de sua função (TEIXEIRA; MARQUEZE; MORENO, 2020). Outras funções realizadas de forma remota para se comunicar com a chefia, colegas de trabalho e discentes, como por exemplo o uso do aplicativo Whatsapp®, tem aumentado consideravelmente a sobrecarga de trabalho do professor e, como resultado está influenciando negativamente na saúde desse trabalhador, principalmente na mental (BARRETO *et al.*, 2022).

Além disso, com incremento das tecnologias, meios esses que são bastantes utilizados pelos professores; permite que os trabalhadores cada vez mais estejam disponíveis para o trabalho fora da instituição, como também tem feito com que assumam mais responsabilidades e, regularmente, esses professores estão renunciando aos momentos de lazer (LICHTENSTEIN *et al.*, 2019).

Em um estudo realizado com docentes de dois PPG da Universidade do Estado de São Paulo (UNESP), os achados trazem que o adoecimento já expresso na literatura (LICHTENSTEIN *et al.*, 2019), também esteve presente nos dois PPG analisados. Destaca-se no grupo analisado o percentual de (77,8%) de professores que adoeceram em virtude de algo relacionado às atividades laborais e que (83,3%) relataram estar sobrecarregados; alguns sintomas também foram listados pelos docentes como: estresse (72,2%), fadiga (66,7%) e ansiedade (50%) (RUZA; SILVA, 2016).

Tais percentuais de adoecimentos, como também a presença de sinais e sintomas, precisam ser levadas em consideração pelas instituições de ensino superior, pelos órgãos reguladores e pelos PPG. O trabalho docente tem resultado em um intenso desgaste cognitivo, resultando em processos somático-psíquicos na categoria (CHEUNG *et al.*, 2016).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa revisão de literatura percebeu-se que, o aumento do trabalho intelectual em virtude das mudanças provenientes da reconfiguração do trabalho na academia, estão refletindo negativamente na saúde dos professores universitários e conseqüentemente tem causado o adoecimento. Estes profissionais estão passando muitas horas em sala de aula como também percebe-se um aumento das funções administrativas; outro ponto que merece destaque é a forma que esses professores são avaliados, estes só conseguem progredir por meio da verificação do quantitativo de publicações científicas, como também pelas atividades de ensino realizadas na graduação e na pós-graduação tem acarretado o adoecimento.

Importante destacar que essas transformações nas condições de trabalho aconteceram nos últimos 30 anos, essas por sua vez ocasionaram mudanças no perfil dos agravos relacionados ao trabalho e entre elas estão as doenças ocupacionais. Na classe dos professores percebeu-se um aumento do adoecimento mental e entre as doenças mais frequentes estão a depressão e os sintomas depressivos.

Diante dessa perspectiva, é essencial que as instituições de ensino superior elaborem políticas de enfrentamento para essas novas demandas, como também estratégias de suporte aos professores acometidos no intuito de minimizar todo esse estresse que esses professores estão vivenciando, visto que esse adoecimento afeta diretamente suas atividades acadêmicas.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, M. F. C. et al. Workaholism and burnout among stricto sensu graduate professors. **Revista de Saúde Pública [online]**, v. 56. 2022.
- BOGAERT, I. et al. Associaios between different types of physical activity and teacher's perceived mental, physical, and work-related health. **BMC Public Health**, v.14 n.534, p.1-9, 2014.
- BOSI, A. P. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. **Educação & Sociedade**, v.28, n.101, p.1503-23, set./dez. 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Reforma da educação superior. Reafirmando princípios e consolidando diretrizes da reforma da educação superior. Documento II. 2004. 14p.
- BRASIL. Ministério da Fazenda. Adoecimento mental e trabalho: a concessão de benefícios por incapacidade relacionados a transtornos mentais e comportamentais entre 2012 e 2016. 1º boletim quadrimestral sobre benefícios por incapacidade de 2017. Brasília, DF: Secretaria de Previdência, 2017.
- BOUDREAU, E. (2019, dezembro). Protegendo a saúde mental dos professores Por que é importante para os professores – e suas escolas – criar espaço para reconhecer e responder ao estresse do trabalho. *Universidade de Harvard*. Disponível em: <https://www.gse.harvard.edu/news/uk/19/12/safeguarding-mental-health-teachers>. Acesso em: 03 mar. 2022.
- CACCIAMALI, M. C. Princípios e direitos fundamentais no trabalho na América Latina. **São Paulo em Perspectiva [online]**, v. 16, n. 2, pp. 64-75. 2002.
- CARVALHO, D. B.; ARAÚJO, T. M.; BERNARDES, K.O. Transtornos mentais comuns em trabalhadores da Atenção Básica à Saúde. **Rev Bras Saude Ocup**, v. 41:p. e17. 2016.
- CHEUNG, F. et al. Workaholism on job burnout: a comparison between American and Chinese employees. **Front Psychol**. n.9. v.1. p.2546. 2018.
- COLLUCCI, C. (2014, março). Depressão é uma das principais causas de afastamento. *Folha de São Paulo*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/158637-depressao-e-uma-das-principais-causas-de-afastamento.shtml>. Acesso em: 10 mai. 2022.
- CORDEIRO, T.M.S.C. et al. Notificações de transtornos mentais relacionados ao trabalho entre trabalhadores na Bahia: estudo descritivo, 2007- 2012. **Epidemiol Serv Saúde**, v.25. n.2. p.363-72. 2016.
- FERREIRA-VORKAPIC, C. et al. O Impacto do *Yoga Nidra* e da Meditação Sentada na Saúde Mental dos Professores Universitários. **Revista Internacional de Yoga**, v. 11. n.3. p. 215-223. 2018.
- GATTI, B. A. et al. **Professores do Brasil: novos cenários de formação**. [S.l: s.n.], 2019.
- HOFFMANN, C. et al. Psicodinâmica do trabalho e riscos de adoecimento no magistério superior. **Estudos Avançados [online]**, v. 31, n. 91, pp. 257-276. 2017.
- HOYLE, E. Teachers' social backgrounds. In: **The international encyclopedia of teaching and teacher education**. Oxford: Pergamon Press, 1987, p. 593-610.
- JACOMINI, M.; CRUZ, R. E.; CASTRO, E. C. Jornada de trabalho docente na rede pública de educação básica: Parâmetros para discussão. **education policy analysis archives**. v.28. n. 32. 2020.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

- LANDSBERGIS, P.A.; GRZYWACZ, J.G.; LAMONTAGNE, A.D. Organização do trabalho, insegurança no trabalho e disparidades em saúde ocupacional. **Sou. J. Ind. Med.**, 57: 495-515. 2014.
- LICHTENSTEIN, M.B. et al. Work addiction is associated with increased stress and reduced quality of life: validation of the Bergen Work Addiction Scale in Danish. **Scand J Psychol.** n.60. v.2. p. 145-51. 2019.
- LI, M.Y. et al. Occupational mental health and job satisfaction in university teachers in Shenyang, China. **Zhonghua Lao Dong Wei Sheng Zhi Ye Bing Za Zhi.** Chinese, v. 20; n.35(2) p.137-140, feb. 2017.
- LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade.** 6. ed. São Paulo: Papyrus, 2013.
- LEMOS, J. C. Cargas psíquicas no trabalho e processos de saúde em professores universitários 2005. 147f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.
- LINDINO, T. C. Quem tu és? Eu? Um professor universitário! **Revista Docência do Ensino Superior,** Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 35–62, 2016.
- LOPES-PEREIRA, A. P. et al. Preditores associados à qualidade de vida no trabalho de docentes da universidade pública. **Rev. salud pública,** Bogotá, v. 22, n. 5. p.e210, outubro de 2020.
- MOREIRA, D. Z.; RODRIGUES, M. B. Saúde mental e trabalho docente. **Estud. psicol.** Natal, v. 23, n. 3, p. 236-247, set.2018.
- MOURA, J. S. et al. A precarização do trabalho docente e o adoecimento mental no contexto neoliberal. **Revista Profissão Docente,** Uberaba, v. 19, n. 40, p. 1-17, jan./abr. 2019.
- OIT: **Workplace stress: A collective challenge** (Genebra, 2016), p. 3.
- OLIVEIRA, M. I. S. Intervenção cognitivo-comportamental em transtorno de ansiedade: relato de caso. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas,** Aracaju – SE, v. 7, n. 1, 2011
- ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE/OMS. Brasil Aumenta o número de pessoas com depressão no mundo. Brasília, DF, 23 de fev. de 2017
- PENTEADO, R. Z.; S. N., S. Mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor: de narrativas do trabalho e da cultura docente à docência como profissão. **Saúde e sociedade,** São Paulo, v. 28, n. 1, 2019, p. 135-153.
- QUEIRÓZ, M. F. F.; EMILIANO, L. L. Ser docente no Século XXI: o trabalho em uma universidade pública brasileira. **Revista Katálysis** [online]. 2020, v. 23, n. 03, pp. 687-699.
- RUZA, F. M.; SILVA, E. P. As transformações produtivas na pós-graduação: o prazer no trabalho docente está suspenso? **Revista Subjetividades,** v. 16.n. 1. p. 91-103. abril 2, 2016.
- SCHEUCH, K.; HAUFE, E.; SEIBT, R. Teachers' Health. **Dtsch Arztebl Int.** 15. v.15; v.112. n.20. p.347-56. May, 2015.
- SILVA, E.P.; RUZA, F. M. A malversação do reconhecimento no trabalho docente precarizado e intensificado. **Trabalho (En) Cena,** v. 3. n.2. p. 03-16. 2018.
- SILVA-JUNIOR, J. S.; FISCHER, F. M. Afastamento do trabalho por transtornos mentais e estressores psicossociais ocupacionais. **Revista Brasileira de Epidemiologia** [online], v. 18, n. 04. p. 735-744. 2015.

SILVA, A. S. P.; MARSICO, G. A cultura acadêmica do sofrimento: será que isso existe? **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 39. p. e200183. 2022.

TEIXEIRA, T. S. C.; MARQUEZE, E. C.; MORENO, C. R. C. Academic productivism: when job demand exceeds working time. **Revista de Saúde Pública [online]**. 2020.

TOSTES, M. V. et al. Sofrimento mental de professores do ensino público. **Saúde em Debate [online]**, v. 42, n. 116.p.87-99. 2018.

World Health Organization. International Labour Organization. Mental health and work: impact, issues and good practices. Geneva: WHO; 2000.